

EUA apóiam quem ganhar no Brasil

Depois de se movimentar nos últimos cinco dias no Brasil, com bastante desenvoltura, o ex-secretário de Estado norte-americano Henry Kissinger disse ontem que está preparado para realizar quaisquer tarefas que o presidente Reagan solicitar, porém "não procuro, nem quero uma posição no Governo".

Aqui em Brasília, Kissinger conversou com o ministro Sarai-va Guerreiro, com o chefe do Gabinete Civil, Leitão de Abreu, e com o candidato do Governo à sucessão de Figueiredo, Paulo Maluf, depois de ter-se avistado no Rio com Tancredo Neves. Disse que o interesse nesses contatos foi conhecer os pontos de vista dos candidatos a respeito do que o Brasil espera dos Estados Unidos.

Em entrevista concedida ontem no Hotel Nacional, o ex-secretário de Estado riu quando um repórter quis saber a preferência do cidadão Kissinger na disputa eleitoral brasileira. Ele disse que o seu engajamento é na campanha de reeleição do presidente Reagan e afirmou que os Estados Unidos devem trabalhar "muito perto" de qualquer que seja o Governo no Brasil.

Com respostas genéricas para perguntas específicas, o professor Kissinger demonstrou que ainda não se desfez da antiga condição de condutor da política externa norte-americana. Atualmente, ele trabalha como consultor dos maiores bancos credores da América Latina, sendo um dos defensores do início de negocia-

ções políticas entre os governos para o encaminhamento da questão da dívida no Terceiro Mundo.

Indagado se as decisões que Reagan pretende adotar, se for reeleito, poderão favorecer as negociações com os países da América Latina, Kissinger se mostrou pessimista, afirmando que não compartilha dessa impressão. Segundo as fontes que tiveram conhecimento da conversa com Sarai-va Guerreiro, o professor Kissinger manifestou, no entanto, que espera, no mínimo, que depois da eleição nos Estados Unidos, "aconteça alguma coisa".

— "Os Estados Unidos devem apoiar eleições livres em todos os países do hemisfério", afirmou Kissinger, quando disse não ter dúvidas de que o governo norte-americano aceitará qualquer que seja o resultado das eleições na Nicarágua. Demonstrando como é duro admitir um erro, o ex-secretário de Estado comentou que a primeira vez que ele fez isso foi na página 900 do segundo livro de suas memórias, publicadas em dois volumes, com 1.200 páginas cada um.

A recordação de ter viajado num carro da polícia durante a sua última visita a Brasília, para proferir conferência na UnB, foi evocada durante a entrevista, quando o ex-secretário disse que nunca havia visto uma demonstração de estudante "em ritmo de samba". Desta vez, Kissinger não precisou viajar no camburão, experiência que ele espera nunca mais repetir.